

REVISTA SUL-AMERICANA

BIBLIOGRAPHIA BRAZILEIRA --- SCIENCIAS, LETRAS E ARTES

Publicada pelo Centro Bibliographico Vulgarizador

RIO de Janeiro—Assignatura annual para todo o Brazil 5\$000

Para os paizes estrangeiros: gratis ás associações e publicações congeneres. Assignatura por anno 12 francos (união postal). São nossos correspondentes na Europa: em Lisboa. Antonio Maria Pereira; em Paris, Guillard, Aillaud & C.; em Londres, Dulau & C.; na Italia, Fratelli Bocca; na Alemanha, G. Herder,

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao gerente do Centro Bibliographico, rua Gonçalves Dias 41.

SUMARIO. — I Historia do Brazil—Primeiras viagens exploradoras, as capitarias, o governo geral, por **Sylvio Roméo**. — II Traços de litteratura comparada no seculo XIX, por **Tobias Barreto**. — III Da educação, por **Herbert Spencer**. — VI **Bibliographia Brazileira**. — Novas publicações.

Historia do Brazil

Iº AS PRIMEIRAS VIAGENS EXPLORADORAS. — 2º AS CAPITANIAS. — 3º O GOVERNO GERAL. (1)

1º *A's primeiras viagens exploradoras* — Vós estudareis mais tarde aprofundadamente a historia de nosso bello paiz. Então entrareis n'uma serie de questões de carácter puramente erudito, que não podem agora ser-vos apresentadas. Logo na primeira pagina d'esta historia costuma-se agitar a questão de saber a quem pertence a gloria do descobrimento do Brazil: *si aos hespanhoes, aos franceses, ou aos portugueses*. Os debates da historia, quando descambam em certa especie de *micropolgia*, ou *sciencia dos minucios*, não estão livres da pecha de charlataneria.

Fujamos de tal caminho. Basta que eu

vos diga que n'este assumpto o melhor é ficarmos com as ideias dos velhos chronicistas. Elles nos contam que, descoberta a India pelo insigne portuguez — *Vasco da Gama* — em 1498, o rei D Manoel, no intuito de iniciar as explorações e o commercio n'aquelle famosa região, fez expedir uma armada para lá, sob o commando de *Pedro Alvares Cabral*. Este, afastando-se demasiadamente das costas africanas, veio a descobrir o Brazil em 22 de abril de 1500.

A terra, que supunham erroneamente os ousados descobridores fosse uma ilha, chamou-se a principio *Vera Cruz*, depois *Santa-Cruz* e finalmente *Brazil*.

Chegada a Portugal a noticia do inesperado descobrimento, e começando logo os franceses e hespanhoes a traficar na costa com os indigenas, o governo do reino tratou de expedir para o *novo* paiz diversas armadas ou frotas exploradoras.

Há grande obscuridade na discussão critica dos melhores historiadores sobre quem fossem os primeiros chefes das ex-

(1) Não esquecer que este artiguinho é um capítulo de uma historia do Brazil elementarissima, destinada ás aulas primarias.

plorações e as dactas das respectivas viagens. — Parece estar mais ou menos averiguado ter sido a primeira exploração em 1501, sob o commando de André Gonçalves; a segunda em 1503, tendo por chefe Gonçalo Coelho; a terceira em 1505, tendo por commandante D. Nuno Manoel.

N'essas primeiras tentativas para conhecerem a nova região, os portuguezes chegaram a percorrer grande parte da nossa costa, e determinadamente o cabo de Santo Agostinho, a foz do rio São Francisco, o cabo de São Thomé, a bahia do Rio de Janeiro, a de Angra dos Reis, o porto de São Vicente, além da Bahia de Todos os Santos, Porto Seguro, Caravellas, Cabo Frio e grande parte da costa do Sul até muito além da foz do Rio da Prata. — Francezes e espanhóes, por outro lado, prosseguiram em suas tentativas de exploração e colonização.

O commercio portuguez também atireou-se á faina e lia, entre outras, notícias das viagens de João de Lisboa, de João Coelho, da não Breón, e d'aquellas em que naufragaram Diogo Álvares Corrêa, João Ramalho e Antônio Rodrigues.

A concurrencia estrangeira sobretudo incitou o governo portuguez a cuidar do Brazil, prejudicado em sua colonisação pelo attractivo da India. — N'esse intuito D. João III, que sucedera a D. Manoel em 1521, enviou ainda em 1526 uma armada, guarda-costa, sob o commando de Christovão Jacques, que, depois de percorrer o litoral desde Pernambuco até ao Rio da Prata, bateu de volta os francezes na Bahia, retirando-se em seguida para Portugal. Não era possível proseguir por mais tempo n'esse regimen de *pura exclusão dos estranhos e mais nada*.

D. João tratou em 1530 seriamente da colonisação. Para isto iaviou uma forte armada, sob o commando de Martins Affonso de Souza, conduzindo d'esta vez algumas centenas de colonos. Esse illustre capitão é o iniciador da colonisação do Brazil; a elle devem-se as primeiras povoações que se edificaram em nosso solo. Foram elles a villa de São Vicente na ilha d'este nome e a de Viratininga a nove leguas de distancia no interior.

Martins Affonso de Souza logo, após donatario da capitania de São Vicente, retirou-se para Portugal em 1533; tendo, além da fundação das duas povoações, que

ficaram indicadas, percorrido a costa do Brazil desde Itamaracá até ao Chuy.

2º As *capitanias*. — O governo da metrópole, comprehendendo a difficultade de colonisar directamente pelo simples esforço oficial o vasto territorio brasileiro, procurou interessar n'essa empresa os particulares. Para tal fim fez resuscitar o regimen feudal já extinto no reino. Dividiu n'esse intuito o Brazil então conhecido em doze quinhões, appellidados capitâncias, concedidas com grandes privilegios a doze illustres magnatas da época.

E' este tambem um dos pontos obscuros da historia da nossa patria.

As capitâncias foram mal determinadas e mal delimitadas; algumas dellas abrangiam territorios distantes uns dos outros; outras houve que não foram colonisadas. A historia interna de todas ellas é incerta. Mais tarde, além das doze, foram criadas outras muitas, cuja historia não é melhor esclarecida. Si a época dos aborigenes, o tempo ante-cabralino, é no Brazil o que se pode chamar a nossa obscura *antiquidade*, o primeiro século, o século feudal da colonisação, é a nossa indecisa *idade media*. — A contar do norte para o sul as capitâncias foram as seguintes: os territorios correspondentes mais ou menos hoje das províncias do Maranhão, Rio Grande do Norte e Parahyba do Norte, foram dados de parceria a Fernando Álvares de Andrade, João de Barros e Ayres da Cunha, contando-se ahí tres capitâncias, que aliás não foram colonisadas pelos respectivos donatarios; seguem-se Ceará, dada a Antônio Cardoso de Barros; Pernambuco, a Duarte Coelho Pereira; Bahia, a Francisco Pereira Coitinho; Ilhéus, a Jorge de Figueiredo Corrêa; Porto-Seguro, a Pedro do Campo Tourinho; Espírito Santo, a Vasco Fernandes Coitinho; Parahyba do Sul, a Pedro de Góes da Silveira; São Vicente, a Martim Affonso de Souza; Santo Amaro, a Pero Lopes de Souza. Cumpre advertir que a este coube tambem a ilha de Itamaracá e a terra fronteira, que depois vieram a constituir capitania independente, tal como aconteceu a Itaporicá, ao Reconcavo da Bahia, ao Rio de Janeiro, à Sergipe, ao Pará, etc!

3º Governo Geral. — O sistema feudal tinha preenchido sua missão na Europa e não podia ir muito longe no caminho do progresso no Brazil. Bem cedo a realesa e

o povo tiveram de unir-se contra elle como acontecera no velho mundo. A realesa foi a primeira a dar o signal da reacção, já creando em novo estado que se ia formando um governo geral que servisse de força centralisadora e n nome do monarca, e já estabelecendo o systema de resgate das capitanias.

O primeiro governador geral do Brazil foi *Thomé de Souza* (1549-1553). — Deve-selle a fundação da cidade do Salvador na Bahia de Todos os Santos, a installação do governo civil, do regimen juridico e da ordem social. Succedera a elle *D. Duarte da Costa* (1553-1558) e *Mém de Sá* (1558-1572).

SILVIO ROMÉRO.

TRAÇOS DE LITTERATURA COMPARADA NO SÉCULO XIX

I

Segundo o plano da historia, que muitos chamariam a economia providencial do universo, todo o povo que progride e se desenvolve, tem uma dupla missão: — uma interna, e outra externa; uma voltada para si mesmo, e outra para os demais povos.

Cada nação, mais ou menos impellida de uma lei inelutável e superior às tendencias exclusivas, sente uma continua necessidade de completar-se material e moralmente, mutuando com as suas irmãs os benefícios da cultura, considerada principalmente em seus resultados praticos.

Todos os dias o líame dos espíritos torna-se mais íntimo e se dilata até os mais longínquos pontos do globo. A industria e o commercio ajudam não sómente a promover a sociabilidade internacional e a harmonia dos interesses, mas também a aumentar o deposito idéal dos principios, sobre que se funda a conservação e o bem estar do gênero humano.

A litteratura, expressão e manifestação desses principios, tende em nossos dias, mais que em outra qualquer epocha, à universalidade, à assunção daquella parte do patrimonio intellectual dos diversos povos, que é susceptivel de ser transmitido, como tributo, ao erario commun da civilização.

Pela rápida e constante troca de idéas, de costumes, de riquezas, as nações cultas,

como que tranvassa'as umas das outras, fazem presentemente da Europa e de uma boa porção da America um povo unico e enormemente grande. O estudo das linguas e litteraturas estrangeiras é um traço caracteristico do nosso tempo. Nenhum outro periodo historico nos apresenta signaes tão vivos de unificação mental, pelo menos no dominio das letras e das sciencias.

Mas importa observar que essa unificação não se dá em proporções iguaes. Nem todas as nações cultas da actualidade, ou como taes reputadas, mantém-se entre si n'um perfeito estado de reciprocidade intellectual. Ha umas que falam mais alto, e outras que se limitam a escutar. O pão espiritual, que serve de alimento a todas elles, não é producto da cooperação de todas.

Ainda nesta esphera, quero dizer, na esphera scientifica e litteraria apresenta-se verdadeira a notável divisão da especie humana, que fez Henrique Klenke, nos trez seguintes grupos, delimitados pela natureza e pela historia: — 1º povos solares, ou o lado *diurno* da humanidade; 2º povos planetarios, ou o seu lado *nocturno*; 3º povos de *transição*, ou o seu lado *crepuscular*; grupo este, que por sua vez se divide em povos que se levantam e povos que decahem. (1)

Sómente aos povos solares é que pertence o trabalho cultural do espirito humano, encarado sobretudo pelo seu lado íntimo, no puro dominio das idéas e dos sentimentos. Só elles, por conseguinte, possuem uma *litteratura*, no rigoroso sentido da palavra, um imenso capital circulante de riquezas idéias, que fecundam e vivificam o trabalho dos outros povos.

Dahi vem por certo que nos tempos actuais, em que os cidadãos dos diversos paizes, atormentados todos igualmente da necessidade de independencia de liberdade honesta, e da insaciavel sede da verdade, vão por vias diferentes em busca desse alto scopo, afastados entre si, estranhos pela lingua e desconhecidos uns dos outros, — o melhor meio da approximação es-

(1) Não ha dúvida que nós os brasileiros pertencemos ao terceiro grupo; somos um povo de *transição*. S. porem, caminhamos para cima, ou para baixo, se subimos, ou descemos, — é questão que aqui não interessa, nem se quer agitar, e muito meno; tratar de resolver.

piritual, o meio mais efficaz para inspirar-lhes o sentimento de vizinhos e de irmãos, é justamente o estudo das litteraturas estrangeiras.

E se talvez aqui ou alli ainda se dividem as opiniões, os interesses, as tradições nacionaes, no cultivo unico das letras tudo isto desapparece, as differenças se attenuam, as antitheses se harmonisam, por uma nobre aspiração á felicidade geral.

Não se entenda porem que esse estudo das letras estrangeiras, como ahi fica delineado, seja uma simples questão de memoria, um trabalho de mera nomenclatura de livros e de autores. Não, de certo. Elle tem o seu lado scientifico, e bem assim o seu methodo adequado, que é o methodo comparativo.

O que este ultimo tem sido para as linguas e para as religiões, que só a elle devem os mais sorprendentes achados, pôde sel-o igualmente para as litteraturas.

Ouçamos á tal respeito um homem competente. « A litteratura comparada, - diz George Brandes, - tem a dupla vantagem de approximar-nos tanto do *atheio*, que podemos appropriar-nos delle, e de afastar-nos tambem do *proprio* por tal modo, que chegamos a poder encaral-o de cima para baixo.

Não se vê perfeitamente nem o que está muito perto, nem o que está muito longe dos olhos. O estudo scientifico da litteratura fornece-nos, por assim dizer, um binocolo, do qual um dos lados augmenta, e o outro diminue o objecto observado. Importa pois empregalo de maneira, que possamos corrigir as illusões da visão a olhos nus (2).

Este mesmo escriptor é de opinião que até bem pouco tempo, no ponto de vista litterario, as diversas nações realizaram praticamente a fabula da *raposa e da cegonha*. O que uma sabia da outra, era tão abundante, como a parte da iguaria que o bico da Cegonha podia tirar de cima da pedra, ou o focinho da raposa de dentro da garrafa, conforme o modo particular á cada uma de obsequiar a sua hospeda.

Entretanto esse tempo já não pôde chamar-se nosso. Não é que a litteratura comparada tenha feito grandes progressos, nem mesmo que os seus cultores já se mostrem em numero consideravel. Mas ao

menos é certo que a critica, de Brandes perdeu a razão de ser. Não só as historias litterarias multiplicam-se de dia em dia, como até succede que, por exemplo, a litteratura francesa, nas mãos de um Julian Schmidt, ou a ingleza, nas mãos de um Taine, ou mesmo allemã, nas mãos de um Tommaso Gar, nada tem a desejar de mais analytico e mais profundo, que podesse por ventura produzir escriptores nacionaes.

No vigente seculo, somente quatro nações,—a Allemanha, a França, a Inglaterra e a Italia,—têm estado á frente do movimento litterario, e só as suas litteraturas merecem o titulo de Weltliteraturen, como dizem os allemães, ou litteraturas universaes. Tudo o que de bom e aproveitavel se ha pensado, escripto e falado em outro qualquer logar, neste ou naquelle paiz *epigo* — o tem sido sempre uma repercussão do pensamento original de um dos quatro paizes *progonos*.

Bem pode, á primeira vista, semelhante asserto parecer exagerado, e mesmo não faltará, quem o qualifique de tal, tomindo como verdade a singular illusão de que a Italia não entra com igual direito na categoria aberta para as outras trez nações, attento que a sua influencia tem sido e continua a ser muitissimo inferior, e em mais de um ponto quasi nullo.

Porém o erro é manifesto. Para mostralo, basta lembrar que não ha litteratura de povo algum da actualidade, onde o espirito catholico não se tenha feito uma larga parte : e falar do espirito catholico é falar da influencia de Roma, e reeonhecer, por conseguinte, ao menos em uma das direcções da actividade pensante, a preponderancia da Italia.

Tendo-me proposto no presente escripto um pequeno estudo de litteratura comparada, era natural que buscasse o meu assumpto entre as nações mais cultas : e assim o fiz. O meu trabalho abrange pois uma apreciação comparativa das letras allemães, francesas e italianas, não em todo o decurso do seu desenvolvimento, mas em um periodo determinado da historia litteraria deste seculo. Por que motivo exclui a Inglaterra do meu campo de observação, para dizer-lo com franqueza, devo confessar que não foi sólamente com o fim de não augmentar as dificuldades da empreza, mas também por que tratava-se de um terreno,

(2) *Die Hauptstroemungen der Literatur des 19 Jahrhunderts* — pag. 1 e 2.

em que sentir-me-hia menos seguro e desembaracado (3).

Estudando a evolução litteraria dos trez paizes, limitada principalmente á epocha decorrida desde 1830 até os nossos dias, como outra cousa não se podia esperar de mim, eu faço da Alemanha o centro das minhas observações. A França e a Italia gyrarão em torno della. Uma questão de sympathia, sem duvida; mas tambem uma questão de methodo. e é lícito a cada um seguir e applicar o que melhor lhe parece.

Muita gente ainda suppõe, ao ouvir falar de litteratura comparada, que ahi só se trata de um processo de confrontação e medida dos diversos auctores, para determinar, quaes sejam os mais meritorios. Assim um estudo comparativo das letras francesas e alemañas teria a obrigação indeclinável de mostrar, por exemplo, qual dos dois é mais forte na *munheca*, — se Strauss, ou E. Renan, se Thierry, ou L. Ranke, se George Sand, ou a Condessa Hann-Hahn, etc., etc.

Mais isto é um conceito erroneo. A litteratura comparada é simplesmente uma pesquiza historica das reciprocas influencias, das acções e reacções metachymicas, que abalam os espiritos, em um dos vastos dominios da vida internacional. E só assim é que ella podia assumir feição scientifica e tornar-se realmente digna de ser cultivada.

TOBIAS BARRETO.

Da educação

DA EDUCAÇÃO INTELLECTUAL

(Continuação)

parativamente barbara; manifestar-se-ha de um modo menos cruel num estado social mais avançado, em que, progressivamente as creanças estão affeitas a tractamentos mais suaves. Mas o que sobretudo devemos aqui observar é que a manifestação do grande desgosto paterno não será efficaz para o bem senão na medida da affeição que a creança tiver a seus paes. A efficacia

(3) Convém notar que este escripto não se apresenta de todo como uma novidade. Elle é uma especie de recopilação de prelecções feitas o anno passado em curso particular de litteratura,

da disciplina das consequencias naturaes será exactamente proporcional ao rigor com que applicarímos esta disciplina nos demais casos. A prova está ao alcance de todos, se o quizerem experimentar.

Quem é que não sabe que ao offendere qualquer pessoa o peso que se experimenta (pomos de lado naturalmente as considerações mundanas que não são do nosso assumpto) varia com o grau de sympathy que sentiamos por esse individuo? Não se sente acaso que, ao tractar-se de um inimigo, o pensamento de o ter offendido nos causa mais uma secreta satisfação do que desgosto? Não nos recordamos de que, logo que uma pessoa que nos é completamente desconhecida, se melindrou por qualquer facto, a incommoda isto muito menos do que se fosse um seu amigo? Pelo contrario o desgosto d'uma pessoa admirada e querida não foi por nós considerado como uma desgraça séria, como uma fonte de longos e amargos pezares? Pois bem, o effeito do descontentamento paterno deve variar tanto como o grau de affeição persistente. Onde quer que haja indifferença o sentimento da creança culpada não passa de um receio puramente egoista dos castigos corporaes ou das privações que lhe serão infligidas; e depois que estas foram supportadas, o antagonismo e a irritação augmentam a indifferença. Pelo contrario onde existe uma forte affeição filial produzida pela habitual amizade dos paes, o estado de espirito a que o descontentamento do pae leva a creança, não sómente serve para evitar as faltas de identica natureza, para o futuro, mas é-lhe até salutar. O castigo moral de ter perdido por algum tempo um amigo tão querido supre o castigo corporal e não é menos efficaz, caso o não seja mais. Em vez do receio e do ressentimento, ordinariamente experimentados, a creança sympathisa com o desgosto de seu pae, lastima o havel-o causado e deseja poder, por um acto de reparação, restabelecer com elle as relações de amizade. Em vez de por em jogo esses sentimentos egoistas cujo predominio é a fonte do crime, põe em jogo os sentimentos altruistas (1) que previnem os actos cri-

(1) Foi Augusto Comte quem introduziu na linguagem philosophica, em oposição ao *egoismo* o termo *altruismo*, para designar o sentimento que nos leva a interessarmo-nos pelos nossos similares, a amar outrem. A. Comte, o fundador da *philosophia positiva*, nasceu em 1798 e morreu em Paris em 1857.

minosos. D'esta forma a disciplina das consequencias naturaes é muito mais applicavel ás grandes faltas do que ás pequenas, e a sua practica não sómente origina a repressão d'essas faltas, como as previne e evita.

Em summa, a verdade é que a selvageria produza selvageria, e a doçura a doçura. As creanças que são tractadas sem bondade não vêm a ser boas. Tratá-las com *sympathia* é desenvolver nelas sentimentos da mesma natureza. No governo domestico, da mesma fórmula que no governo politico, o despotismo faz nascer uma grande parte dos crimes que mais tarde se têm de punir; enquanto que uma direccão suave e liberal evita as causas de discussão, e, melhorando por esta fórmula os sentimentos ordinarios, diminue a tendencia ás transgressões da lei. Como John Loke (2) disse há muito tempo: «em materia de educação os castigos severos fazem pouco bem e podem fazer muito mal: e creio que, em igualdade de circumstancias, as creanças que foram mais castigadas não serão os melhores homens.» Em confirmação d'esta maneira de ver podemos citar este facto tornado publico ultimamente por Rogers, capellão da prisão de Ponteville: os rapazes criminosos que soffreram o castigo dos açoutes são os que de ordinario voltam mais vezes á prisão. Pelo contrario os bons efeitos d'un tractamento mais doce manifestam-se neste outro facto que nos referia uma dama em casa de quem residimos em Paris. Como ella se desculpava do barulho com que nos incomodava uma creança, tão irrequieta em casa como na escola, acrescentava que não via outro remedio ao seu carácter senão o que dera resultado para com seu irmão mais velho: envial-a para uma casa de educação na Inglaterra. Esta creança mostrara-se intratável em todos os collegios de Paris. Não sabendo já o que haviam de fazer d'ella, enviaram-na para Inglaterra, e ao fim de alguns annos voltou tão boa quanto tinha ido má. A mãe attribuia completamente esta mudança notável á doçura comparativa da disciplina ingleza.

(2) O philosopho inglez Loke (1632-1704) escreveu com o titulo de *PENSAMENTOS SOBRE A EDUCACAO DAS CRAINÇAS* (1693) um notável tractado de educação, muitas vezes traduzido em franez, e onde se encontra já a maior parte das ideias que mais tarde Rousseau popularizou no seu *EMILIO*.

Depois da exposição de principios que precede, o espaço que nos resta não pede ser melhor preenchido do que apresentando algumas das maximas e regras que decorrem d'estes principios.

Não espereis pois d'uma creança um elevado grau de excellencia moral. Durante os seus primeiros annos todo o homem travessou as phases de caracter que travessou a raça barbara de que descende. Assim tambem as feições d'uma creança — nariz chato, ventas arrebitadas, labios grossos, olhos afastados, ausencia de fossa frontal, etc. — são durante algum tempo as do selvagem, assim como seus instintos são tambem os do selvagem. D'aqui a tendencia á crudelidade, ao roubo, á mentira, tão geral nas creanças: tendencia que sem o concurso da educação se modifica mais ou menos ao mesmo tempo que as feições do rosto. A ideia popular de que as creancas são «innocentes», verdadeiras referindo-se apenas ao *conhecimento* do mal, é completamente falsa a respeito dos maus impulsos. E' o que provará uma meia hora d'observação num quarto de creanças, a quem quizer sómente abrir os olhos. As creancinhas, entregues a si mesmas nas escolas, tractam-se entre si mais brutalmente do que o fazem os homens; e se as entregassem a si proprias numa edade mais tenra, esta brutalidade seria ainda mais notável.

Não só é sensato esperar muito das creanças em tudo o que diz respeito a moralidade, como não é prudente e ajuizado o exigir-lha. Hoje a maior parte das pessoas reconhecem os maus resultados da precocidade intellectual, mas resta reconhecer-se a precocidade moral produz também consequencias funestas. As nossas faculdades moraes superiores, assim como as intellectuaes superiores, são comparativamente complexas. Por conseguinte umas e outras são retardatarias na sua evolução. Para ambas a cultura prematura realisa-se á custa do desenvolvimento futuro. D'aqui essa anomalia assás comum: as creanças que foram modelos na tenra edade, a medida que vão crescendo, soffrem uma mudança na apparencia inexplicavel, e acabam por cahir abaixo da media intellectual e moral, enquanto que alguns homens muitas vezes depois de uma infancia que parecia não daren esperanças algumas, se apresentam com uma moralidade relativamente superior.

Contentae-vos pois com medidas e resultados moderados. Recordae-vos que uma moralidade superior, assim como uma intelligencia superior, devem ser o fructo d'um longo desenvolvimento, e acolhereis entao com paciencia as imperfeições que manifesta a cada instante o vosso filho. Sereis logo contrario ás reprehensões, ás amacias, ás continuas prohibições com que os paes produzem um estado chronico de irritação domestica, na louca esperança de tornar d'esta forma seus filhos o que deviam ser.

Ista forma liberal de governo paterno, que consiste em não querer regular despoticamente todos os pormenores da conducta da creança resulta implicitamente do sistema que nós preconisamos. Contentae-vos com vigiar que o vosso filho sofra sempre as consequencias naturaes das suas accções, e evitareis cahir nesses abusos de domínio que é o erro de tantos paes. Todas as vezes que puderdes entregae-o á disciplina da experiença e preserval-o-heis já da virtude fingida que o exagerado auctoritarismo faz nascer nas naturezas doces, já d'esse espirito de antagonismo desmoralizador que se produz nas naturezas independentes.

Aguardando em todas as circumstancias deixar um curso livre ás reacções naturaes das accções do vosso filho, moderareis d'um modo feliz o vosso proprio carácter. O metodo de educação moral seguido por muitos paes—receiamos dizer pela maior parte dos paes—consiste muito simplesmente em deixar apparecer a sua colera, na primeira occasião que se apresenta. As pancadas, os maus tractos, as palavras asperas com que a mãe castiga as faltas ligeiras de seu filho, (faltas que muitas vezes o não são na realidade, não são mais do que a manifestação dos seus sentimentos mal dominados, e provém muito mais dos impulsos que ella recebe do que do desejo de ser útil a creança) Mas se vos detendes, cada vez que una falta é commettida, em considerar qual será a sua consequencia normal, e como esta consequencia pode tornar-se mais sensivel ao transgressor, tereis ganho em pouco tempo o que servirá para vos tornardes senhor de vós mesmos; o vosso primeiro movimento de colera cega transformar-se-ha num sentimento menos violento e menos apto que vos arrastará para fóra do caminho.

Não diligencieis no entanto; ortar-vos

como instrumento impassivel. Recordae-vos de que, alem das reacções naturaes das accções da vosso filho, que a marcha das cousas lhe fará sentir, a vossa approvação e a vossa desapprovação são tambem uma reacção natural e um dos meios que deve contribuir para guiar. O erro que combatemos consiste em substituir o desgosto paterno e os seus castigos que são de instituição natural. Mas, se não for preciso substituir-os pelas penalidades naturaes, não se segue que não devam elles acompanhal-as. Posto que o castigo d'ordem *secundaria*, o que infligem os paes, não deva usurpar o lugar do castigo de ordem *principal*, sob uma forma moderada, pode servir-lhe de suplemento. O desgosto ou a indignação que sentirdes deve ser manifestado pelas vossas palavras e actos, com a reserva, bem entendido, da fiscalisação que a vossa reflexão deve exercer. A natureza e a força do sentimento que experimentais dependem necessariamente do vosso carácter, e é por conseguinte inutil dizer que deveis sentir d'este ou d'aquele modo. Deveis em todo o caso tractar de medificar os vossos sentimentos por forma a leval-os o mais possivel a ser o que deveriam ser. Evitae em todo o caso os dois extremos, não sómente a respeito da intensidade do vosso descontentamento, mas até a respeito da sua aspereza. Por outro lado evitae tambem essa franqueza tão commum ás mães que ralham e perdoam quasi no mesmo minuto: por outra parte não continueis sem necessidade a ostentar frieza durante muito tempo, com o receio de que o vosso filho se não habitue a dispensar a vossa affeção, perdendo d'esta forma a influencia sobre elle. As reacções moraes, que produzem em vós os actos de vosso filho devem ser o mais possivel similares ás que experimentaria um pae cujo carácter fosse perfeito.

Não multipliqueis as ordens; não mandeis senão quando os outros meios forem inapplicaveis ou não produzam o seu effeito. «Quando se dão muitas ordens, diz João Paulo (1) é mais para vantagem dos paes do que dos filhos». Assim como nas sociedades primitivas a violação das leis é punida menos por ser em si mesma culposa do que por implicar o desprezo da auctoridade do rei.—uma rebellião contra elle—assim como em muitas familias o castigo

(1) Sobre João Paulo veja-se a nota a pag. 132.

infligido ao transgressor é determinado não pela repulsa que nos inspira a falta, mas pela cholera que faz nascer a desobediencia. Ouvi como falam os pais e os mestres : « Como é que ousas desobedecer-me ! — Eu o *obrigarei* a fazer o que lhe mando, Sr. ! — Eu lhe ensinarei o que é o *professor* ! ». Considerae o que indica esta linguagem e o tom que acompanha. Annuncia muito mais a vontade de reinar do que o desejo de proporcionar o bem da creança. O estado de espirito do pae ou do mestre que assim fala differe pouco do d'um despota decidido a punir um vassalo recalcitrante. E portanto um pae razoavel, bem como um legislador philanthropo, será feliz não por applicar a coercção, mas por ver que esta se torna inutil. A lei imperativa dispensar-se-ha, logo que se poder substituir por outros meios de direcção ; e só com pezar recorrerá a uma ordem formal, quando o seu emprego lhe parecer indispensavel. Assim como o faz sentir João Paulo. « O melhor sistema em politica é, dize-n, *governar o menos possivel* ; este principio tambem é verdadeiro na educação ». E, de acordo com esta maxima, o pae, que pelo sentimento do dever bem comprehendido se deixar guiar pelo prazer do dominio tyranico, dedicar-se-ha a fazer com que seus filhos se governem o mais possivel por si mesmos, e só em ultimo caso recorrerá ao absolutismo.

Mas todas as vezes que sentirdes a necessidade de mandar, mandae com decisao e execução immediata. Se o caso é um d'aquelles em que o emprego da auctoridade é indispensavel, formulae a vossa resolução e não desistais mais. Reflecti bem no que ides fazer ; ponderae todas as consequencias ; ponderae se tereis sufficiente firmeza para seguir até ao fim ; e quando afinal tiverdes dado uma ordem, fazei-vos obedecer a todo o custo. Que a vossa sancção penal seja similar à que inflige a natureza inanimada, isto é inevitavel. A braza accesa queima a creança que lhe toca a primeira vez ; queima-a na segunda ; queima-a na terceira ; queima-a todas as vezes que lhe tocar, e a creança apprende assim a evitá-la. Se persistirdes sempre, se todos os voossos actos tiverem a mesma uniformidade, a creança para logo respeitará as vossas leis a pardas da natureza. E este respeito, uma vez estabelecido, evitara inumeros desgostos domesticos. A inconsequencia é a peior de todas as faltas que

se podem commetter na educação; assim como numa sociedade os crimes se multiplicam quando não ha justica certa, tambem na familia um numero infinito de transgressões resulta da applicação hesitante ou irregular dos castigos. Uma mae fraca, que incessantemente ameaça e que raramente procede, que faz leis precipitadamente e que de seguida se arrepende, que pela mesma falta ora manifesta docura ora severidade, conforme o seu humor passageiro, prepara mil desgostos a si propria e ao seu filho. Aos olhos d'este torna-se desprezivel ; dá-lhe o exemplo de se não saber dominar ; anima-o a transgredir as suas ordens pela perspectiva da impunidade provavel, faz nascer mil conflictos em detrimento do seu caracter e do caracter da creança ; reduz o espirito d'esta a não ser mais do que um cahos moral, no qual os longos annos de amarga experiençia difficilmente restabelecerão a ordem. Mais valeria uma fórmula barbara de governo applicada com persistencia do que uma mais humana applicada com tanta indecisão e leviandade. Repetimol-o : evitae as medidas coercitivas todas as vezes que poderdes evitá-las ; mas quando entenderdes que o despotismo é na realidade necessario, sede despotas seriamente.

Recordae-vos de que o fim da educação moral é formar um ser apto para *se governar a si mesmo*, e não um ser apto para *ser governado pelos outros*. Se o vosso filho fosse destinado a viver escravo, não poderíeis habitual-o muito á escravidão na sua infancia, mas como elle será em breve um homem livre, que não terá pessoa alguma juncto de si para dirigir a sua conducta diaria, não podeis acostumal-o a dirigir-se a si proprio, em quanto estiver sob os voossos olhos. E' isto que torna o sistema da disciplina das consequencias naturaes muito particularmente appropriado ao estadio social a que chegámos na Inglaterra. Nos tempos feudais, quando um dos maiores males que o cidadão tinha a temer era a colera dos seus superiores, convinha que durante a infancia a vindicta paterna fosse o principal meio de governo. Mas hoje que o cidadão não tem nada a receiar de pessoa alguma, hoje que o bem e o mal que lhe sucedem são unicamente os que resultam da sua conducta em virtude da natureza das cousas, deve começar a aprender por experiençia, desde os seus mais tenros annos, as boas ou as más

consequencias que seguem naturalmente tal ou tal acto. Diligenciae pois que o governo paterno desappareça logo que for possivel perante o governo de si proprio, que nasce da previsao dos resultados. Durante a primeira infancia é necessaria uma forte dose de absolutismo. Uma creança de tres annos, brincando com uma thesoura aberta, não pode ser submettida á disciplina das consequencias, porque estas seriam neste caso muito serias. Mas á medida que a intelligencia augmenta, o numero de intervenções decisivas pôde e deve ser diminuido, porque essas intervenções cessam pouco a pouco, logo que o joven se approxima da virilidade. Toda a transição é perigosa: e a mais perigosa de todas é a passagem, é a brusca passagem da sujeição da casa paterna para a liberdade do mundo. D'aqui a importancia de seguir a politica que preconisamos, a qual, habituando um joven ao dominio de si proprio e aumentando gradualmente as occasões em que deve exercer esse dominio, guiando-o passo a passo a exercel-o sem auxiliar algum, faz desapparecer a transição, ordinariamente brusca e perigosa, da adolescencia, em que o governo do homem é externo, da edade adulta, em que é interno. Que a historia da vossa legislacão domestica seja em ponto pequeno a historia da nossa legislacão politica; no principio a auctoridade despotica quando essa auctoridade é realmente necessaria; logo depois um constitucionalismo nascente, no qual a liberdade do vassallo é nalguns pontos reconhecida; em seguida ampliações sucessivas da liberdade do vassallo para acabar pela abdicação do senhor.

Não lastimeis que vosso filho seja obstinado. E' o contra d'essa tendencia dos paes em diminuirem a coercão, que é tão visivel na educacão moderna. A disposição em afirmar a liberdade d'un lado corresponde á disposição em acabar com a tyrannia por outro. Uma e outra indicam que nos approximamos do sistema de disciplina que sustentamos, sistema por meio do qual as creanças serão cada vez mais levadas a dirigirem-se elles proprias conforme á experiençia das consequencias naturaes dos seus actos: ambas são o producto do nosso estado social mais avançado. O rapaz inglez independente d'hoje é o pae do inglez de amanhã; e não podereis ter um sem o outro. Os professores de collegios allemães dizem que preferem go-

vernar doze alumnos allemães a um inglez. Deveremos pois desejar que os nossos rapazes tenham a docilidade dos collegiaes allemães, e que mais tarde sejam politicamente escravizados, como o são os allemães? Não será preferivel tolerar entre nós esses sentimentos que tornam os homens livres, e não poremos de acordo com elles os nossos methodos de educação?

Finalmente, recordae-vos sempre que educar bem um filho não é cousa facil e simples, antes pelo contrario é uma obra difficult e complexa; é o mais arduo encargo da vida adulta. O governo domestico, na sua forma rude e grosseira, está, sem duvida, ao alcance das intelligencias menos cultivadas; as pancadas e palavras brutaes são os meios que se offerecem ao barbaro mais primitivo e ao mais estupido camponez. Os proprios animaes podem applicar este metodo de disciplina, como vemos no rosnar e dentadas com que a cadelha reprime os seus filhos demasiado exigentes. Mas, se quereis applicar com resultado um sistema racional e civilizado, é preciso attender a uma grande despeza de trabalho intellectual; é preciso estudo, intelligencia, pacienza e imperio sobre si mesmo. Deverieis continuamente perguntar-vos quaes são os resultados que na vida adulta acompanham certos actos, e indagar os meios de fazer produzir aos actos de vosso filho resultados similhantes. Diariamente vos será preciso analysar os motivos da conducta da creança, distinguir entre as accções verdadeiramente boas e as que parecem sel-o, mas que têm por movel sentimentos de ordem inferior; enquanto que deverieis estar incessantemente previdos contra o desprezo cruel e tão frequente que se liga ás creanças, considerando como más accções indiferentes, e attribuindo-lhes sentimentos peiores do que aquelles que ellas experimentam. Tereis que modificar mais ou menos o vosso metodo afim de o pôr em relaçao com as disposições particulares de cada creança, e modifical-o ainda á medida que estas disposições entrem em phases novas. Ser-vos-ha precisa uma convicção firme para persistir numa linha de conducta que parecerá não produzir mais do que poucos ou nenhuns effeitos. Sobre-tudo, se tiverdes de attender a creanças que fossem anteriormente maltratadas, deveveis contar com uma longa prova de pacienza, antes de chegardes aos resul-

tados de um melhor methodo, visto que é natural que uma cousa, já difficult quando se cultivou o sentimento justo desde a infancia, se torne duplamente difficult quando se fez nascer d'ella uma falsa maneira de sentir. Não sómente devereis analysar os motivos da accão de vosso filho, mas até os vossos proprios motivos: distinguir entre as suggestões que emanam da verdadeira sollicitude paterna e as que nascem do vosso egoismo, da vossa necessidade de repouso e do vosso gosto de dominio; e de seguida, o que é mais penoso, depois de ter descoberto a verdadeira natureza dos vossos impulsos, devereis domar estes, logo que sejam reconhecidos como maus. Em breve devereis refazer a vossa propria educação, ao mesmo tempo que tereis efectuado a de vosso filho. No ponto de vista intellectual tendes a estudar, para attingir o bem, este assumpto, que é o mais complexo de todos: a natureza humana e as suas leis, taes como se patentiam em vosso filho, em vós mesmos e no mundo. Sob o ponto de vista moral deveis constantemente appellar para os vossos sentimentos mais nobres e refrear os menos elevados. É uma verdade ainda muito pouco reconhecida que a phase superior do desenvolvimento mental no homem e na mulher não pôde ser attingida senão pelo desempenho acertado dos deveres paternos. E, quando se tiver reconhecido esta verdade, ver-se-ha quanto é admiravel essa disposição de cousas que conduz o ser humano, por meio das suas affeções, mais fortes, a submeter-se a uma disciplina que, sem isso, desprezaria.

Em quanto que alguns acolherão esta concepção da educação com duvida e desanimo, julgamos que outros verão, na propria elevação do ideal que ella encerra, a prova da sua verdade. Que não possa ella ser realizada por individuos escravos do seu capricho, pouco amantes, pouco previdentes; que exija a coadjuvação das mais elevadas faculdades da natureza humana para a sua realisação, isto testemunhará aos seus olhos que ella é de facto apropriada ao estado mais avançado do desenvolvimento humano. Embora na applicação reclame muito trabalho e dedicação reconhecerão que promette uma colheita abundante de felicidade immediata e futura. Elles verão que, enquanto um falso systema de educação é um duplo flagello para o pae e para o filho, um bom systema é um du-

plo beneficio para o que dá a educação e para o que a recebe.

DA EDUCACAO PHYSICA

SUMARIO. — Imperfeição negligencia dos paes a respeito da educação physica dos filhos. — Importância d'esta questão.

Da alimentação. A nossa epocha em virtude d'uma reacção contra a voracidade dos seculos anteriores lançou-se no excesso contrario. Hoje pretende-se regularizar o appetite das creancas; no entanto o appetite é um guia digno de confiança. Expliação do gosto das creancas pelos doces e pelos fructos. As creancas necessitam uma alimentação substancial: provas scientificas em apoio d'esta asserção. Efeitos d'uma alimentação substancial: exemplos diversos. Necesidade da variedade no regimen alimentar.

Do vestido. Theria erronem da fortaleza dos tecidos. O vestido deve ser suficientemente quente. É lueura vestir as creancas com roupas muito leves para seguir a moda.

Do exercicio corporal. As meninas não têm o preciso. O jogo é preferivel à gymistica. A geração actual possue menos vigor physico do que as suas predecessoras. A causa deve procurar-se na tensão intellectual excessiva que nos impõe a vida moderna e no genero de educação pelo qual nós somos preparados para os deveres d'estas existencias. Consequências desastrosas do abuso do estudo. Emprego do dia num collegio de meninas num a escola normal. A cultura intellectual prematura e excessiva alcança-se á custa do desenvolvimento physico. Um cerebro submetido muito cedo a um trabalho excessivo não pôde desenvolver-se d'uma maneira normal. Influencia do trabalho cerebral sobre as funções orgânicas.

O sistema de educação que desenvolve a inteligencia á custa do vigor physico deve pois ser condenado, sobretudo com relação as meninas. A conservação da saúde é um dever moral, e uma educação sollicitante deve ser aplicada ao desenvolvimento do corpo e ao do espírito.

A mesa do *squire* (1), depois que as damas se retiraram, assim como na estalagem em dia de feira, e na taberna da aldeia ao domingo, depois da questão politica do dia, o assumpto que mais excita o interesse geral, é a criação do gado. A volta d'uma caçada os fidalgos, que a cavallo regressam a casa, falam ordinariamente do melhoramento da raça caçallar, dos cruzamentos e dos commentarios sobre as corridas; um dia de caça ao tiro nos paues não finda sem que se tracte da arte de ensinar os cães. Dois fazendeiros, que regressam através os campos da missa dominical, das suas considerações sobre o sermão passam ás observações sobre o tempo, as colheitas e creações, e d'aqui a discussão passa ás diferentes especies de forragens e suas qualidades nutritivas.

(1) Squire, fidalgo camponez.

Hodge e Gilles, na taberna, por suas observações comparadas sobre as malhadas ou curral de porcos de cada um, revelam que prestaram a sua atenção aos porcos pertencentes aos seus amigos, e que sabem quais os efeitos que produzem nelles tal ou tal processo de engorda. Não é sómente nas populações rurais que o regulamento do canil, da cavalaria, da malhada, do bardo é um assumpto favorito. Nas cidades tambem os numerosos artistas que têm cães, os rapazes ricos que se distrahem com os prazeres da caça, e seus pais, mais sedentários que falam dos progressos da agricultura, que leem os relatórios anuais de Mechlin e as cartas de Caird no *Times*, se fossem a contal-os, formariam uma somma considerável. Passae em revista a população masculina do reino e encontrareis que a grande maioria se interessa com as questões do cruzamento, da criação, do ensino dos animais de qualquer especie.

Mas quem é que nos cavacos, depois de jantar, ou nas conversações de identica natureza, ouviu já pronunciar uma palavra sobre a *criação das crianças*? Enquanto o fidalgo camponez faz a sua visita quotidiana ás cavallariças e pessoalmente examina o regimen a que submettem os seus gados e faz neste sentido as necessarias recomendações, quantas vezes entra elle no quarto dos seus filhos, examina os alimentos que lhes dão, se informa das horas de refeição, e vigia que a ventilação da *nursery* seja suficiente? Na sua bibliotheca encontram-se a *Arte de alceitaria* de White, o *Livro da granja* de Stephens, o *Tractado da caça* de «Nemrod» obras que geralmente leu; mas quais são os livros que leu sobre a arte de alimentar as crianças de peito e as de mais idade? As propriedades que para a engorda do gado tem o bolo de nabo e de celga, o valor nutritivo do feno e da palha trilhada, o perigo do abuso do trevo, são pontos sobre os quais todo o proprietario, todo o rendeiro e todo o camponez se instruem. Mas qual é o que dentre elles indagou alguma vez se a alimentação que davam aos seus filhos era a mais appropriada ás necessidades da natureza das meninas e rapazes no periodo do desenvolvimento? Dir-se-ha talvez, para explicar esta anomalia, que estes homens, tractando dos animais, não fazem mais do que ocupar-se dos seus negócios e dos seus interesses. Esta expli-

cacão não é suficiente, porque o mesmo ocorre nas restantes classes sociaes. Entre os habitantes das cidades muito poucos ha que ignorem que não convém fazer trabalhar um cavalo depois de ter comido; e todavia encontrar-se-hia apenas um dentre elles, supondo que todos fossem paes, que indagasse se é suficiente o intervallo de tempo que decorre entre as refeições de seus filhos e as horas de lição. Se ides ao amago das cousas, vereis que quasi sempre um homem considera o regimen seguido na *nursery* como um negocio a que deve permanecer estranho. «Oh! eu deixo tudo isso ao cuidado das mulheres!» vos responderá elle provavelmente; e quasi sempre tambem o tom em que pronunciar estas palavras indicará sufficientemente que similhantes cuidados julga elle incompativeis com a dignidade do seu sexo.

Por qualquer lado que se examine o assumpto, não é para surprehender que, enquanto a criação dos touros de raça é um negocio a que homens de educação dedicam muito tempo e reflexão, o cuidado de crear bellos homens é um dos que elles tacitamente declararam indigno da sua atenção? Mães que nunca apprenderam mais do que as linguas, a musica e diversas artes de recreio, secundadas por amas cheias de velhos preconceitos, são consideradas juizes competentes da alimentação, do vestido e do grau de exercicio que convém ás crianças. Durante este tempo os paes leem os livros e os artigos de jornaes, reunem se em comissões, fazem experiencias, e encetam discussões, afim de descobrirem os melhores meios de engordar os porcos de melhor raça! Vemos que se dão a infinitos trabalhos para produzirem um cavalo de corridas que ganhará o *Derby*, mas nenhum cuidado se applicará para produzir um athleta moderno. Se Gulliver relatasse que os habitantes de Laputa⁽¹⁾ rivalizavam entre si para crear o melhor possivel os filhos das demais criaturas e não tractassem por forma alguma de saber como é que era preciso crear os seus, este absurdo pareceria igual a todas as restantes loucuras que lhe imputam.

A questão, no entanto, é seria. Por mais

(1) Sabe-se que no romance satirico de Swift, *Gulliver*, depois de ter visitado os anões de Lilliput e os gigantes de Brodignac chega a illa imaginaria de Laputa, cujos habitantes, grandes organisadores de systemas, se entregam a toda a ordem de extravagantes divertimentos.

risivel que seja o contraste, o facto que implica não é menos desastroso. Assim como o referiu um gracioso escriptor, a primeira condição de exito neste mundo, é o *ser um bom animal* (1), e a primeira condição da prosperidade nacional é que a nação seja constituída de «bons animaes». Não sómente sucede muitas vezes que o resultado de uma guerra depende da força e da ou-sadia dos soldados, mas nas proprias luctas industriaes tambem a victoria está ligada ao vigor physico dos productores. Até aqui não tivemos razão alguma para temer a inferioridade neste respeito sobre os diversos campos de batalha. Mas ha razões para prever que muito em breve seremos submettidos a rudes provas. A lucta pela existencia é tão viva nos tempos modernos, que poucos são os homens que lhe podem supportar as exigencias sem fraquejar. Dentro elles já succumbem alguns milhares sob a alta pressão que supportam. Se esta pressão continua a augmentar, como é provavel, rudemente gastará as mais fortes constituições. Torna-se pois d'uma importancia particular o educar as creanças de modo que não sómente sejam aptas para sustentar a lucta intellectual que as aguarda, mas que possam tambem supportar physicamente a excessiva fadiga a que serão submettidas.

Felizmente começa-se a pensar n'isto. Os escriptos de Kingsley (1) indicam uma reacção contra o excesso e precocidade da cultura intellectual; e até, como todas as reacções, esta vai muito mais longe. De tempos a tempos uma carta ou um artigo publicado nos jornaes testemunha um novo interesse pela educação physica. E o nascimento d'uma escola a que se deu a designação significativa de «christianismo muscular» demonstra que a opinião publica começa a propagar que, na nossa maneira ordinaria de educar as creanças, não temos na devida conta o seu bem estar phisico. O assumpto está evidentemente maduro para a discussão.

O fim que temos a attingir é pôr o regimen da *nursery* e da escola de acordo com as verdades da sciencia moderna. E'

(1) Veja-se a nota a pag. 64.

(1) O Rev. C. Kingsley, falecido ha alguns annos, é o autor de um certo numero de romances (*ALTON LOCKE*, *YEAST*, *WESTWARD Ho!* etc.) cujos heroes se distinguem ao mesmo tempo pelo vigor physico e pela sua piedade. Daqui o nome de «christianismo muscular» (*muscular christianity*) dado a escola que se formou sob a influencia dos escriptos de Kingsley.

tempo que os beneficios trazidos aos nossos carneiros e bois pelas descobertas feitas nos laboratorios sejam tambem partilhado pelos nossos filhos. Sem querer pôr em duvida a grande importancia da creação aperfeiçoada dos cavallos e dos porcos, pensamos que, assim como a creação dos bellos homens e das bellas mulheres não deixa tambem de ter alguma importancia; as conclusões dadas pela theory e confirmadas pela prática devem servir de guia no segundo caso tanto como no primeiro. Muitas pessoas se surprehenderão, e talvez até se offendam, com esta approximação de ideias. Mas é um facto indiscutivel, e que é preciso aceitar, que o homem está submetido ás mesmas leis organicas dos animaes inferiores. Nenhum anatomista, nem um physiologista, nem um chimico hesitará em afirmar que os principios geraes, reconhecidos como verdadeiros, nas funcções vitaes dos animaes, o são igualmente nas do homem. A franca admissão d'este facto importa uma recompensa, a saber: que as generalizações originadas das experiencias e das observações realizadas sobre os animaes tornam-se uteis ao homem. Por mais rudimentar que seja até ao presente a sciencia da vida, já ella estabeleceu alguns principios fundamentaes que presidem ao desenvolvimento de todo o organismo, incluindo o organismo humano. O que presentemente resta fazer, e que vamos tractar de realizar por alguma forma, é investigar qual deve ser a influencia destes principios sobre a educação da creança e na sua juventude.

A tendencia á alternação visivel em todos os phenomenos da vida social — essa tendencia, em virtude da qual o despotismo sucede ás revoluções, os periodos de reforma aos periodos de conservantismo, os séculos asceticos aos séculos dissolutos; que no commercio produz alternativamente o excesso da confiança e o panico, que faz passar a moda de um extremo ao outro — affecta tambem os nossos habitos de mesa, e por consequencia o regimen alimentar a que se submettem as creanças. Depois d'uma epocha, em que se comia e bebia desmesuradamente, veio uma epocha de sobriedade comparativa; as seitas dos *teetotallers* (1) e dos *vegetarianos* são as formas extremas do protesto

(1) Veja-se a nota a paginas 134.

contemporaneo contra o excesso do tempo passado. Com esta mudança de habitos nos adultos produziu-se paralelamente uma mudança no regimen das creanças. Nossos paes julgavam que quanto mais faziam comer as creanças, mais isto valia; e hoje mesmo, nos camponezes e nas províncias longinhas, onde as velhas ideias se conservam mais tempo, encontram-se paes que incitam os seus filhos a comerem até á repleção. Mas nas classes superiores, em que a reacção para a abstinencia é mais accentuada, pode-se observar uma disposição para não alimentarem sufficientemente as creanças. Dizemos até que é mais pelo regimen que impõe aos seus filhos do que pelo que elles proprios seguem, que estes partidarios da temperança manifestam o seu afastamento dos grosseiros appetites dos tempos passados; porque, enquanto o seu ascetismo é moderado, n'elles mesmos, pelas reclamações da natureza, abrem livremente carreira pela legislação que decretam para juventude.

É uma verdade banal que o comer muito e o comer muito pouco são igualmente prejudiciaes. Dos dois excessos no entanto, o ultimo é o peior. Assim como o disse uma alta auctoridade os effeitos da replexão accidental são muito menos prejudiciaes e mais reparaveis do que os da inanição». (*Encyclopédia de medicina pratica*). Além d'isso, quando se não intervem d'un modo pouco judicioso, é raro que as creanças soffram indigestões «Comer com excesso é vicio dos adultos mais do que das creanças as quaes raramente são comilonas e epicuriãas, se acaso a falta não é de quem as educa» (*Ibidem*). Este systemade restrição, que tantos paes julgam necessario impôr, está baseado nas observações insuffientes e nos falsos raciocinios. Abusam da regulamentação na *nursery*, como no Estado; e uma das formas mais desastrada d'este abuso é a maneira como marcam as refeições da alimentação das creanças.

«Mas, dir-nos-hão, permitir-se-ha ás creanças o sobrecarregarem o estomago, empanturrarem-se com goloseimas, e ficarem enfermas, como por certo lhes sucederá?» A questão assim posta não admite mais do que uma resposta; mas assim estabelecida tambem prejudica o ponto que constitue o objecto do debate. Nós pretendemos que, assim como o appetite é um guia seguro em todos os animaes,—um

guia seguro na creança de peito, assim como no enfermo, e nos adultos que levam uma vida regular—pôde-se com certeza inferir que é uma guia segura nas creanças. Seria estranho que nellas sómente esse guia não merecesse confiança.

Alguns individuos talvez supportarão impacientemente esta resposta, persuadidos de que podem citar os factos que completamente a contradizem. Pôde parecer absurdo negar a auctoridade d'estes factos, e portanto a nossa these, apesar da sua apparencia paradoxal, é perfeitamente sustentável. Na realidade os excessos com que nos objectarão são de ordinario o resultado do systema restrictivo, do qual parecem dever fornecer a justificação. São as reacções sensuaes produzidas pelo regimen ascetico. Em ponto pequeno comprova-n esta verdade geral: aqueilles que durante a juventude foram submettidos á disciplina mais rigorosa, para o futuro estão dispostos a lançarem-se nas maiores extravagancias. Podem approximar-se do espectaculo oferecido por mais de um convento, em que outr'ora se viam as religiosas passando da extrema austeridade á dissolução mais desenfreada. Demonstram a força irresistivel de desejos por muito tempo comprimidos. Considerae os gostos das creanças e a maneira como estas os tractam. O gosto dos doces é muito pronunciado e quasi universal nellas. Provavelmente noventa e nove pessoas sobre cem imaginam que não vai nisto mais do que uma sensibilidade do paladar, que deve ser reprimida como outros desejos sensuaes. O physiologista, todavia, a quem estas descobertas levaram a ver cada vez mais em todas as cousas uma ordem que é preciso respeitar, suspeita que no gosto das goloseimas ha alguma cousa de mais do que ordinariamente se suppõe, e em breve as suas investigações confirmam estas suspeitas. Descobre que o assucar representa um papel importante no desenvolvimento do organismo. As materias saccharinas, assim como as materias gordurosas, são oxigenadas no nosso corpo, produzindo calor. O assucar é a forma sobre a qual muitos outros compostos devem passar antes de poderem fornecer-nos calor animal; e esta formação do assucar tem logar no nosso proprio corpo. Não sómente o amido se transforma em assucar durante a digestão, mas foi demonstrado por Claudio Bernard que o nosso figado é uma officina em que os demais ele-

mentos constitutivos da nossa alimentação se transformam em assucar; o assucar torna-se de um tão grande necessidade para nós, que é extrahido das proprias substancias azotadas, quando se não fornece noutras ao estomago. Se ao facto das creanças sentirem uma attracção pronunciada pelas substancias assucaradas, alimento productor de calorico, acrescentarmos esse outro facto de que manifestam uma repulsoão não menos pronunciada pelo alimento que fornece o maximo de calorico durante a sua oxidação, quer dizer para as substancias gordurosas, temos razão para crer que o excesso d'um compensa a ausencia do outro, e que o organismo reclama mais assucar, porque não pôde assimilar muita gordura. Tambem as creanças gostam dos acidos vegetaes. Deliciam-se com os fructos de toda especie; e na falta de couisa melhor devoram fructa verde e os pomas mais acres. Ora não sómente os acidos vegetaes, assim como os acidos mineraes são bons tonicos e por este motivo beneficos, quando se tomam com moderação; mas, ingeridos sob uma forma natural, tem outras vantagens. « Os fructos maduros, diz o Dr. A. Combe, são usados com muito mais abundancia no continente do que entre nós, e sao ultimamente empregados em estimular os intestinos que funcionam imperfeitamente (1) ». Vede pois que desacordo existe entre as necessidades instinctivas das creanças e o regimen a que ordinariamente são submetidas. Eis aqui dois gostos que são dominantes nelas, e que, segundo toda a experencia, exprimem certas necessidades da natureza na infancia; e não só as desprezam ordinariamente, mas até as contrariam. Limitam-se estritamente ao pão e ao leite de manhã, ao chá e pão com manteiga à noite ou a qualquer outro alimento igualmente insipido. Toda a satisfação do paladar é julgada nulla, inutil ou até prejudicial. Qual é a consequencia disto? Quando, nos dias de festa, os filhos podem obter o uso pleno das couisas que lhes são agradaveis, quando alguma dinheiros no bolso lhes permite o appropriarem-se dos doces tão appetecidos, expostos na vitrina do confeiteiro ou quando os deixam

correr livremente num pomar, o desejo muito tempo comprimido conduz então a grandes excessos. É um carnaval inesperado, devido em parte a que cessou a sujeição e em parte a que se prevê uma quaresma prolongada. E quando sobrevêm então as indegestões, decidem não deixar as creanças guiarem-se pelos seus appetites! Estes resultados desastrosos das restrições artificiais dão-se como prova de que são ainda precisas mais restrições! Sustentamos pois que, os raciocinios empregados para justificar este sistema d'intervenção são viciosos. Sustentamos que, se permitissem ás creanças usarem quotidiana mente d'estes alimentos mais sabrosos, que nelles correspondem a necessidades physiologicas, raras vezes comeriam mais do que o necessário, como presentemente fazem, logo que se lhes offerece ensejo. Se os fructos, como diz o Dr. Combe, « constituíssem uma parte da sua alimentação habitual » (comidos como elle aconselha não entre as refeições, mas ás refeições) não experimentariam essa sofreguidão que os impelle a devorar pomas verdes e ameixas bravas. O mesmo ocorre nos de-nais casos.

Não sómente existem fortes razões *a priori* para confiarem nos appetites das creanças, e não sómente as razões que dão para desconfiarem d'elles não têm valor, como todo e qualquer guia que adoptarem saberão seguir-a com confiança. Qual pode ser o valor d'este juizo dos paes que se erige em regulador? Logo que « Oliveiros pede mais de comer (1) » em que dado se fundamentará a mãe ou a governante para responder *não*? Ela pensa que já comeu bastante; mas quaes são as razões para assim pensar? Tem acaso alguma ligação secreta com o estomago da creança? Possue a faculdade de *vidente*, que lhe permite distinguir as necessidades do seu corpo? Se não tem, como é que pôde ella decidir com segurança? Porventura não sabe que a necessidade de alimentação de-

(1) O Dr. Combe, falecido em 1817, era autor d'um livro muito estimado na Gran Bretanha sobre o REGIMEN PHYSICO E MORAL DA CRIANÇA (TREATISE ON THE PHYSICAL AND MORAL MANAGEMENT OF INFANCY) Edimbourg 1810.

(1) Allusão a uma passagem do celebre romance de Carlos Dickens, OLIVEIROS TWIST. O heroe d'esta tocante narra ao, o pequeno Oliveiros, é submetido, bem como os seus camaradas, pensionistas d'um workhouse, ás torturas d'um regimen alimentar absolutamente insuficiente. Instigados pela fome, os desgraçados pequenos decidem-se a reclamar augmento de ração, e Oliveiros é o designado pela sorte para apresentar a reclamação, OLIVEIROS ASKING FOR MORE «Oliveiros pede mais de comer» ornou-se uma proverbial allocução em inglez.

pende do sistema de causas numerosas e complicadas: — que esta varia com a temperatura, com o estado hygrometrico ou electrico da atmosphera; que varia tambem com a medida de exercicio applicado, com a natureza e a quantidade dos alimentos absorvidos na ultima refeição, com a rapidez da digestão d'esta refeição? Como pôde ella calcular os resultados d'uma tal combinação de causas? Assim como nos dizia o pae d'uma creança de cinco annos que tinha a cabeça mais volumosa que todos os pequenos da sua idade, robusto em proporção, rosada e activa: « Eu não posso encontrar regra alguma artificial para conhacer a quantidade de alimento que ella necessita. Se digo: « isto basta, » é apenas uma suposição; e a suposição pode ser tão falsa como justa. Por conseguinte, como me não julgo advinhar, deixo a creança comer quanto lhe appetece. » Certamente que todo aquelle que julgar pelo resultado admittirá a sabedoria d'este procedimento. A confiança extrema com que os paes legislam para o estomago dos filhos prova que elles ignoram as leis physiologicas; se elles fossem mais instruidos, seriam mais modestos: « o orgulho da sciencia é a humildade comparada com o orgulho da ignorancia ». Se pretendermos saber quanto convém desconfiar dos juizos humanos e confiar na ordem de causas prestabelecidas, compare-se a temeridade do medico inexperiente com a prudencia do grande medico: ou, melhor ainda, abra-se a obra de J. Forbes (1) sobre *A natureza e a art na cura dos enfermidades* e ver-se-ha que á medida que adquirimos um conhecimento mais aprofundado das leis da vida, tornamo-nos desconfiados de nós mesmos e mais crentes na natureza.

Passando da questão de quantidade á de qualidade, reconhecemos a mesma tendência ascetica. Não sómente se mede com mão parca a ração de comida concedida ás creanças, mas constituem-na de alimentos pouco substanciaes. E' opinião corrente que as creanças não necessitam de alimentação animal. Nas classes pouco ricas a economia parece ter inspirado esta ideia; o desejo faz com que se acreditasse na cousa. Os paes que não podem comprar

bastante carne respondem aos filhos que lh'a pedem: « a carne não é boa para os meninos e meninas pequenos »; e o que ao principio não era mais do que uma desculpa tornou-se, á força de ser repetida, um artigo de fé. As classes ricas em que o dinheiro não é uma consideração deixaram influenciar-se, em parte pelo exemplo da maioria, e noutra parte pela opinião das amas saídas do povo, e um pouco tambem pela reacção contra o animalismo das gerações passadas.

Todavia se investigarmos sobre que se funda esta opinião, nada encontramos ou muito pouca cousa. E' um dogma que repetem e aceitam sem provas, como o que impunha, ha annos, o uso de os envolver em faixas. E' muito provavel que para o estomago das creancinhas, que não têm ainda bastante força muscular, a carne, exigindo uma trituração considerável antes de ser reduzida a chyno, não é um alimento apropriado. Mas esta objecção não colhe contra os alimentos de natureza animal, cuja parte fibrosa se extrahiu; e tem mais razão de ser, quando no fim de dois ou trez annos, o estomago das creanças adquiriu um vigor muscular considerável. E em quanto que o argumento em apoio d'este dogma, admissivel em parte no que diz respeito ás creanças de tenra edade, não o é para com as de edade mais avançada, as quaes, não obstante são ordinariamente creadas conforme estas prescripções, a opinião contraria apoia-se em provas numerosas e decisivas. O veredictum da sciencia é exactamente opposto á opinião popular.

Apresentámos a questão a dois dos nossos medicos mais eminentes e a alguns dos nossos physiologistas mais distintos; e concluiram estes uniformemente que as creanças deviam ter uma alimentação tão substancial, senão mais ainda que a dos adultos.

O fundamento em que repousa esta opinião é evidente, e o raciocínio que a ella conduz simples. Basta comparar o processo vital na creança e no homem, para ver que a primeira necessita de mais alimentação que o segundo. Porque precisa o homem de alimentos? Porque todos os dias o seu corpo soffre uma certa perda:

HERBERT SPENCER.

(Continua).

[] J. Forbes, 1787-1861, medico escocês, autor de numerosas obras e um dos principaes colaboradores da Encyclopedie ingleza de medicina practica, muitas vezes citado por Spencer.

Bibliographia Brazileira

ANNO II — 15 DE DEZEMBRO DE 1889 — BOLETIM XXII

AVISO. — Pedimos aos Srs. editores do Brazil que nos enviem um exemplar de suas publicações (livros, musicas, mappas, photographias, litographias, etc.), com indicação do preço da venda. Esta indicação é importante para completar a notícia das publicações.

Catalogo alphabetico das publicações brazileiras

LIVROS

278—AGONATES, Projecto de Constituição do Estado de... por Agonates.

279—BASTOS DE OLIVEIRA, Das vaccinas pastorianas, these inaugural apresentada á Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro pelo Dr. Manuel Bastos de Oliveira.

280—CAMPOS GOULART, Diagnóstico e estudo critico do tratamento cirúrgico do hydrocele vaginal, these inaugural pelo Dr. Alberto de Campos Goulart.

281—CAMPOS PORTO, 15 de Novembro de 1889, discurso pronunciado na sessão solene, realizada no theatro Juiz de Fóra, a 23 de Novembro de 1889, em homenagem á proclamação da república dos Estados Unidos do Brazil, 26 pag. em 32, Juiz de Fóra (Estado de Minas).

282—CONVENÇÃO DE 1 DE JUNHO DE 1878, e seu regulamento e suas alterações constantes dos actos adicionaes do congresso postal de Lisboa, 1 vol. em 8.^o, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro.

283—FOLHINHA LAEMMERT para o anno de 1890.

284—INSTRUÇÕES para a execução do regulamento dos correios do imperio, aprovado pelo decreto n.^o 9912 de 26 de Março de 1888, 1 vol. em 8.^o, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional.

285—INSTRUÇÕES para a execução do serviço de premutaçao de correspondencias com os paizes estrangeiros, 1 vol. em 8.^o, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional.

286—JOÃO RIBEIRO, Grammatica Portugueza por João Ribeiro. Curso primario; 1º anno de portuguez, 2^a edição, editada pela livraria classica de Alves & C.

287—JULIO DE BARROS, Dos meios de sustentar a vida ameaçada por hemorrhagias do parto ou do secundamento, these inaugural do Dr. Adriano Julio de Barros.

288—NERVAL DE GOUVÉA, Da recepti-

vidade morbida, these inaugural apresentada á Faculdade de Medicina pelo Dr. Oscar Nerval de Gouvêa.

289—OLIVEIRA CATÃO, Das lesões traumáticas do crâneo, seu tratamento cirúrgico, these inaugural do Dr. Francisco Alves de Oliveira Catão.

290—PERFIL BIOGRAPHICO do comendador Antonio José Gomes Brandão.

291—RELATORIO apresentado em assemblea geral do Club Caixeiral em 1 de Novembro de 1889 pelo presidente da direcção Emilio Fernandes.

292—TEIXEIRA MENDES, A incorporação do proletariado na sociedade moderna, breves considerações para fundamentar as medidas que em nome do proletariado empregado nas officinas publicas dos Estados Unidos do Brazil, deve apresentar ao Governo o cidadão R. Teixeira Mendes.

Na vitrine dos Srs. Alves & C.ª vimos:

H. V. Zessl—Maladies veneriennes.

B. Lee et Henneguy—Anatomie microscopique.

Fliigge—Les microorganismes.

Adrian—Etude sur les extraits pharmaceutiques.

Morel Lavallée et Belières—Syphilis et paralysie générale.

F. Widal—Etude sur l'infection puerpérale.

A. Dufour—Manifestations morbides du surmenage physique.

P. Delbert—Traitement des anévrismes

Bautouin—Syphilis graves précoces.

Recamier—Etude sur les rapports du rein.

Marcel Dubois—Geographie générale, 1.^e année.

Marcel Dubois—Geographie générale de l'Europe, 2.^e année.